

## SOBRE A FILOSOFIA UNIVERSITÁRIA – ARTHUR SCHOPENHAUER – O LUGAR DA PESQUISA FILOSÓFICA NA REFORMA UNIVERSITÁRIA

Etevaldo Santos Cruz \*

**RESUMO:** *O artigo tem como objetivo refletir sobre a autonomia da pesquisa filosófica na atual Reforma Universitária, sobretudo levando em conta o questionamento que paira sobre o universo do Senso Comum, “Para que serve a filosofia?”. O embasamento teórico será a filosofia de Arthur Schopenhauer, precisamente, a obra Sobre a Filosofia Universitária. Desenvolveremos alguns aspectos históricos, abordaremos alguns pontos relevantes e nuances sobre o compromisso ético da filosofia para com a humanidade e sua importância no universo acadêmico.*

**Palavras-chave:** Filosofia; Autonomia; Compromisso

### INTRODUÇÃO

A universidade possui como característica básica o seu compromisso social que, necessariamente, interfere nas demais esferas da sociedade. O caráter autônomo constitui, também, uma outra face da instituição universitária, já que em seu seio desenvolvem-se possibilidades transformadoras que podem resultar em alternativas para melhor convivência da humanidade. Com isto, queremos dizer que a universidade desempenha um papel fundamental na sociedade, dialogando com o Estado, ou seja, servindo de espelho onde as diversas estruturas sociais miram-se, portanto podem pensar e re-pensar a sua atuação.

Contudo é evidente que, ao longo do tempo, a universidade vem sofrendo transformações, desde meados do século XX, onde o capitalismo ganha fôlego e a ciência deixa de ser uma produção para o desenvolvimento da humanidade e passa a atender à demanda de mercado. A ciência desloca-se de uma produção teórica com aplicação para ser peça da engrenagem capitalista.

Diante desse quadro em que se configura o saber, as palavras de Adorno e Horkheimer a respeito do esclarecimento (ou iluminação se preferirmos) afirmam que o saber está transformado em técnica a serviço dos burgueses. “A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital”. (ADORNO / HORKHEIMER, 1985, p.20)

Para Marilena Chauí, a acelerada demanda de mercado, bem como a atual situação estatal transformaram a universidade, por conseguinte, a pesquisa acadêmica, numa espécie de organização social de caráter instrumentalista.

---

\* Acadêmico do Curso de Bacharelado em Filosofia do Instituto de Teologia da Universidade Católica do Salvador – UCSal. Orientadora: Profª Maria de Fátima Alves Pereira, Mestre em Ciências Sociais pela UFBA, Titular de Antropologia Filosófica do ITUCSal. E-mail: [theosc2000@yahoo.com.br](mailto:theosc2000@yahoo.com.br).

Uma organização difere de uma instituição por definir-se por uma prática social determinada por sua instrumentalidade: está referida ao conjunto de meios (administrativos) particulares para obtenção de um objetivo particular. Não está referida a ações articuladas às idéias de reconhecimento externo e interno, de legitimidade interna e externa, mas a operações definidas como estratégias balizadas pelas idéias de eficácia e de sucesso no emprego de determinados meios para alcançar o objetivo particular que a define. Por ser uma administração, é regida pelas idéias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito. Não lhe compete discutir ou questionar sua própria existência, função ou seu lugar no interior da luta de classes, pois isso que para a instituição social universitária é crucial é, para a organização, um dado de fato. Ela sabe (ou sabe julgar) porquê, para quê e onde existe. (CHAUI, 2003, p.3)

Em síntese, não há na organização universitária (nova face da universidade) um interesse universalista de criar e de inserir-se numa empreitada ética de criar valores, pelo contrário, a resolução de problemas superficiais que lhe permite sobreviver é o principal alvo de um saber utilitarista. A nova roupagem que o sistema neoliberal adquiriu exige que a adaptação às mudanças seja fundamental para manter uma política estratégica de sobrevivência das organizações sociais que, por sua vez, caminham paralelas às empresas financiadoras das pesquisas. Sendo assim, é evidente que toda linha de pesquisa acadêmica deva, lamentavelmente, atender aos anseios do mercado e com isto, resumindo-se em utilitarista e funcional.

Em outras palavras, uma pesquisa é um *survey* de problemas, dificuldades e obstáculos para a realização do objetivo e um cálculo de meios para soluções parciais e locais de problemas e obstáculos locais. O *survey* recorta a realidade de maneira a focalizar apenas o aspecto sobre o qual está destinada a intervenção imediata e eficaz. Em outras palavras o *survey* por fragmentação. Numa organização, portanto, pesquisa não é conhecimento de alguma coisa, mas posse de instrumentos para intervir e controlar alguma coisa. Por isso mesmo, numa organização não há tempo para a reflexão, a crítica, o exame de conhecimentos instituídos, sua mudança ou sua superação. Numa organização, a atividade cognitiva não tem como nem por quê realizar-se. (CHAUI, 2003, p.5)

Todavia, mesmo mergulhada na profunda crise que atualmente se encontra a produção acadêmica, ela não pode perder o seu referencial, que é o compromisso ético e social de colaborar para a melhor convivência da humanidade, no entanto, para que isso seja transformado numa *práxis*, é preciso que a universidade, como campo de produção do saber, não perca sua essência filosófica de perguntar sobre o seu tempo.

A partir dessa colocação, cabe a pergunta sobre o lugar da filosofia no atual contexto universitário e social. É importante levar em conta que, para uma pensar filosófico autônomo, é necessário uma liberdade e, mais do que isso, uma autenticidade. Com isso queremos dizer que, seguindo Maria Lúcia Cacciola, na apresentação da obra de Arthur Schopenhauer, “o filósofo [**ou a verdadeira filosofia**] não pode compactuar com os interesses do homem comum e tem de dirigir seu esforço “ para decifrar o enigma do mundo”, e não para apropriar-se dele e moldá-lo de acordo com seus interesses” (CACCIOLA, 2001, p.09). Sendo assim, o presente artigo será desenvolvido, reflexivamente, tendo em vista o papel ético do pensar filosófico no contexto universitário atual.

## 1- SCHOPENHAUER EDUCADOR: UMA CRÍTICA À FILOSOFIA INAUTÊNTICA

A abordagem filosófica de Schopenhauer sobre a autonomia da filosofia universitária demonstra que a problemática da reivindicação, ou seja, da autonomia da filosofia, funda-se na tese de que o pensar filosófico é o espelho do seu tempo. Para o filósofo, a filosofia deve perguntar sobre o seu tempo, sua produção e a si própria; dessa forma sua ambiência reivindica, como afirmamos acima, um compromisso ético onde a produção filosófica destaca sua autonomia, pois, diferente das demais áreas do saber, a filosofia não é um saber constituído, pelo contrário, poderíamos até afirmar que a filosofia é o incômodo para toda constituição científica pronta e acabada, justamente pelo fato de que a razão é seu objeto de reflexão, ou seja, a filosofia está voltada para o estatuto que legitima a possibilidade de saber.

Conforme nos mostra Schopenhauer, a fim de que a filosofia desempenhe seu papel ético de decifrar o enigma do mundo, ela não deve estar atrelada a interesses singulares, superficiais, pois “a atmosfera de liberdade é indispensável à verdade” (SCHOPENHAUER, 2001, P. 23). Com isto, Schopenhauer reivindica para a filosofia uma independência necessária, isto é, não é livre um pensar que esteja a serviço de qualquer outro interesse.

A filosofia de Schopenhauer caracteriza-se como uma denúncia à delimitação do pensar, e mais do que isso, denuncia uma *pseudofilosofia* que mais se aproxima de dogma do que propriamente uma busca da verdade. Nesse sentido, o pensar verdadeiro é altruísta, um pensar para a verdade que está sempre na vanguarda, pois as filosofias colaboradoras dos interesses inautênticos não são suficientemente capazes de denunciar e apontar uma nova perspectiva acerca da verdade. A verdadeira filosofia nunca estará em harmonia com a vigência das idéias cristalizadas, prontas e acabadas, concebidas como algo natural na vida do homem, sempre será insatisfeita. Em sua terceira Consideração Extemporânea, onde retoma a análise schopenhauriana a respeito da filosofia universitária, Nietzsche afirma que os escritos de Schopenhauer refletem a situação de seu tempo e, se por ventura, o quadro é desalentador, a culpa não é do espelho, mas dos impasses que sua época coloca à questão da filosofia no âmbito universitário.

Assim lutou Schopenhauer, já desde sua juventude, contra, aquela mãe falsa, vaidosa e indigna, o tempo como que, a expulsando de si purificou e curou seu ser e reencontrou-se em sua devida saúde e pureza. Por isso os escritos de Schopenhauer podem ser usados como espelho do tempo; e com certeza não é por um defeito do espelho se nele tudo o que é contemporâneo se torna visível como uma doença deformante, como magreza e palidez, como olheiras e caras abatidas como as marcas visíveis do sofrimento daquela infância de enteado. (NIETZSCHE, 1974, p.81)

A afirmação nietzscheana nos apresenta uma perspectiva situacional da filosofia de Schopenhauer - a produção filosófica de Schopenhauer sobre a filosofia universitária acusa a “tecnificação” de um saber. Diferente da produção filosófica verdadeira, a filosofia universitária apenas repete a ideologia que a sustenta como tal, ou seja, ela serve para legitimar os interesses que estão por trás da sua razão de existir, a saber, seus financiadores, ou nas palavras de Schopenhauer, o Estado. Contudo a filosofia verdadeira é livre e autônoma, tem como horizonte a verdade e a satisfação da humanidade.

A fonte da verdadeira filosofia é, para Schopenhauer, a experiência interna e externa. É isso que a faz aproximar-se da arte e da poesia: deve apreender o mundo de modo

imediatamente e intuitivo, nesse sentido, têm um parentesco tão grande com a arte quanto com a ciência. (CACCIOLA, 2001, p.24)

Uma verdadeira filosofia, portanto, capta o que está inaudito, ou seja, o que está escondido pela transparência do óbvio. Aqui, ela se aproxima das artes e diferencia-se das demais ciências que se movem na aparência.

Situando a crítica schopenhauriana, é necessário estabelecer a diferença entre o que Schopenhauer denomina como filosofia universitária, ou seja, para nosso autor, a filosofia universitária é um pensamento utilitarista que, muitas vezes, passa como filosofia verdadeira, o interesse pela verdade é algo secundário para ela, pois seu papel parece restringir-se a afirmar as doutrinas do Estado. O que decorre daí é uma produção filosófica sem nenhum compromisso ético; nas palavras do próprio filósofo:

Acima de tudo, porém, fui levado pouco a pouco à opinião de que a mencionada utilidade da filosofia de cátedra é superada pela desvantagem que a filosofia como profissão traz à filosofia como livre investigação da verdade, ou que a filosofia a serviço do governo traz à filosofia a serviço da natureza e da humanidade. (SCHOPENHAUER, 2001, p.4)

Para o autor de *O mundo Como Vontade e Representação*, o pensar da filosofia universitária não passa de uma religião do Estado, mais do que uma filosofia, pois sua constituição é dogmática.

Mas, se estamos de algum modo convencidos de que a verdade total e plena está contida e proferida na religião do Estado, então paremos por aí e renunciemos a todo filosofar. Não se deve querer parecer o que não se é. É insuportável pretextar uma investigação imparcial da verdade, como intuito de fazer da religião do Estado seu resultado, sua medida, seu controle. Uma filosofia presa à religião do Estado, como cão de guarda preso ao muro, é apenas uma irritante caricatura do mais elevado e nobre esforço da humanidade. (SCHOPENHAUER, 2001, p.10)

Segundo a apreciação de Cacciola, Schopenhauer vê na filosofia universitária um impedimento para a filosofia verdadeira. Para Schopenhauer, o Estado deverá limitar-se a não perseguir os verdadeiros filósofos, pois só assim a filosofia estará garantida. O Estado não deve intervir na produção filosófica, caso contrário a filosofia estaria limitada aos interesses estatais. Quando Schopenhauer critica a dependência que a filosofia universitária tem com relação ao estado, esta decorre da sua própria concepção de Estado. Embora o Estado exista para proteger seus membros, ele também está sujeito ao “querer viver”, mesmo tentando harmonizar a convivência, o Estado não deixa de ser subordinado às leis da vontade. Sendo assim, “esse Estado-Polícia, instrumento de coerção, nada tem a ver com a liberdade necessária para o pensamento. O Estado nunca pode ser a “manifestação da ordem moral do mundo” (CACCIOLA, 2001, p.11)

Destarte, somente a verdadeira filosofia é capaz de realizar um projeto autêntico, pois está livre de qualquer grilhão, apesar de que, não raro, o papel melancólico da filosofia tenha sido o de adequar-se às normas institucionais. Contudo não pensemos que a possibilidade de uma filosofia verdadeira só se realiza extra-universidade. O que nos mostra Schopenhauer é que a postura de uma Filosofia verdadeira deverá não conhecer limites institucionais e utilitaristas, mesmo que esta venha realizar-se na universidade.

Que se ensine filosofia nas universidades é de fato algo benéfico para ela sob vários aspectos. Ela ganha uma existência pública, e seu estandarte aparece estampado aos olhos dos homens, o que a traz sempre de novo à lembrança e faz com que seja notada. O principal ganho será, no entanto, que mentes jovens e capazes se familiarizem com ela e despertem para seu estudo. Todavia, é preciso admitir que quem tem aptidão para a filosofia, e por isso, sente falta dela, também a encontrará e conhecerá por outras vias. (SCHOPENHAUER, 2001, p.3)

O pensamento utilitário é um pensamento incapaz de revelar a “*essência humana*”, que é a mesma em qualquer tempo e lugar, e a história pode comprovar isso. Uma filosofia verdadeira, segundo Schopenhauer, é uma filosofia transcendental ao seu tempo, não é imersa somente em questões superficiais, em outras palavras, não pode perder-se nas particularidades partidárias e pragmáticas das questões que uma época coloca. O olhar da filosofia verdadeira está em seu tempo, mas, sobretudo, numa perspectiva profética. Nesse aspecto, não há mais lugar, se quisermos uma filosofia diferente, para uma saber “tecnificado” e subserviente.

A filosofia é um cantinho no mundo só acessível a poucos, onde a verdade, em toda parte sempre odiada e perseguida, uma vez livre de toda pressão e coerção, deve como que celebrar suas saturnais, em que também o escravo pode falar livremente, ter até prerrogativas e a última palavra; ela é o cantinho onde a verdade deve dominar absolutamente sozinha, nada admitindo ao seu lado. (SCHOPENHAUER, 2001, p.84-85)

Schopenhauer lança mão de dois universos para estabelecer a diferença entre a filosofia verdadeira e a filosofia universitária; para esta segunda, Schopenhauer retoma o conceito de filisteu, ou seja, é a filosofia ou o pensador que vê o pensar filosófico como meio de sobrevivência e nada mais do que isso, é a erudição pedante e vazia que tem como horizonte a sua própria vantagem e não a sabedoria. Conforme descreve Cacciola, o filisteu é representado pela filosofia que idolatra o Estado. “A idolatria é a apoteose do filisteísmo” (CACCIOLA, 2001, p. 30)

A filosofia verdadeira, pelo contrário, é desinteressada, altruísta por excelência, não se prende a interesses imediatos. A leitura de uma época pode ser feita na reflexão de seus valores culturais, ou seja, numa época em que os valores superficiais são enaltecidos como os mais nobres, certamente é um período carente de um pensar autêntico, uma época faminta de autenticidade, mas afogada numa ilusão tecnicista, utilitarista e destruidora, em síntese, queremos dizer que o espírito determina uma época, espírito como “pensar” característico de um período.

Essa influência que a nutrição do espírito tem sobre uma época. Essa consciência consiste em determinar tanto o conteúdo quanto a forma do pensar. Por isso, é muito importante o que é elogiado e, depois, lido. Pois o pensar com um espírito verdadeiramente grande, fortalece o espírito próprio, transmite-lhe um movimento regular e o põe num elã certo: age analogamente à mão do alfabetizador que conduz a da criança. (SCHOPENHAUER, 2001, p.62)

É por isso que a filosofia deve ser incômodo, ao passo que reflete e propõe sobre o seu tempo, um olhar re-flexivo e ao mesmo tempo prospectivo.

Ora, a primeira condição para produções verdadeiras e genuínas na filosofia, como na poesia e nas belas-artes, é, pelo contrário, uma inclinação completamente anômala que,

contra a regra da natureza humana, põe, no lugar do esforço subjetivo para o próprio bem, um esforço plenamente objetivo, dirigido para uma *produção* que lhe é exterior, esforço que, por isso mesmo, é chamado apropriadamente de excêntrico e também, às vezes, escarnecido como quixotismo. (SCHOPENHAUER, 2001, p.24)

Poderíamos afirmar como Foucault; “uma ontologia do presente”, onde a filosofia seja confrontada com suas possibilidades (FOUCAULT, 1984, p.112). Com isto, inferimos que um pensamento inautêntico não realiza a reflexão acima citada. Ainda sobre a liberdade e autonomia para filosofia verdadeira, Nietzsche escreve:

Toda filosofia que acredita removido ou até mesmo solucionado, através de um acontecimento político, o problema da existência é uma filosofia de brinquedo e uma pseudofilosofia. Com muita frequência, desde que há mundo, foram fundados Estados; e isso é uma velha peça. Como poderia uma inovação política bastar para fazer dos homens, de uma vez por todas, habitantes satisfeitos da terra? (NIETZSCHE, 1974, p.82)

Compreende-se, assim, que a crítica schopenhauriana à filosofia universitária está estritamente ligada à sua subserviência ao Estado. Com isto, o filósofo aponta uma necessária autonomia, uma capacidade criativa maior do que a repetição retórica de conteúdos vazios, que, em última instância, só servem para melhor justificar os interesses do Estado e sua ideologia. Uma autonomia que seja honesta, pois “o caminho para a verdade é íngreme e longo: ninguém o trilha com uma bola de chumbo presa aos pés; pelo contrário, seria preciso asas”. (SCHOPENHAUER, 2001, p.91)

Por consequência de toda análise schopenhaueriana a respeito da filosofia, fica evidente que a precisão argumentativa do filósofo atesta a estrela-guia da filosofia, ou seja, a impossibilidade de uma limitação, mais ainda, uma atitude ética, para com a liberdade filosófica. Paradoxalmente, a produção filosófica dentro da universidade contribui para melhor integração e convivência da humanidade. Em síntese, “para uma universidade voltada para a invenção de um mundo criativo de novas significações sociais” (MACULAN, 2004, p.4).

## 2- A ÉTICA NO LIMIAR DA PESQUISA FILOSÓFICA

Levando a cabo a problemática do compromisso ético da pesquisa filosófica, ou, se quisermos, da filosofia, é necessário perguntarmo-nos em que ambiência se produz o pensamento filosófico. Com isto, queremos atentar para o fato de que a filosofia, entendida como uma possibilidade de criar, deve estar aquém ou além de qualquer interesse particular. Ou seja, para que haja uma ética, precisamente, aquela que aponte uma nova alternativa, é imprescindível sua autonomia, mas essa autonomia só será alcançada se a filosofia estiver em sua própria ambiência. É necessário falar sobre uma nova ética que possibilite a melhor convivência entre os homens. Essa convivência não pode surgir de um saber tecnificado, pelo contrário, deve partir de um questionamento de seu tempo, questionamento este que a filosofia tem o dever a fazer.

A atitude filosófica é uma atitude eminentemente ética que sacode qualquer dogmatismo, a pesquisa filosófica livre deve ter uma postura subversiva, isto é, um desbravar na imensa realidade dos pensamentos interessados e subservientes dos interesses de mercado. Nessa realidade, poderíamos afirmar que é importante a criatividade da filosofia, ou seja, a filosofia deve ser o lugar da invenção,

por mais que as idéias sejam apresentadas cristalizadas, o papel da filosofia é criar e descobrir possibilidades de risco para transcender o que está em “voga”.

Pelo seu caráter livre, a verdadeira filosofia é um pensamento na periferia do que está na “moda”, certamente, a filosofia pode, em virtude de sua posição, ser concebida como um pensamento mais autêntico, pois vislumbra as engrenagens de um sistema a partir de uma ótica externa, portanto tem a possibilidade de apontar uma nova alternativa.

O compromisso ético da filosofia evidencia que, antes de ser um conjunto de teorias e escritos, a pesquisa filosófica deve engendrar uma questão atitudinal, ela deve ter a energia de propor o diverso, o “não-lugar-comum”, a pesquisa filosófica desempenha um papel moral, sobretudo no tocante à sua participação na produção científica da humanidade e, mais do que isso, nas elaborações referentes ao rumo do saber.

Ainda, nessa perspectiva, é importante levar adiante que o compromisso ético da pesquisa filosófica não pode estar submetido a circunstâncias que favoreçam alguns interesses particulares, em outras palavras, a função da pesquisa, ou da filosofia propriamente dita, não é oportunista e cínica, pelo contrário, é a possibilidade de negar qualquer cinismo e interesses particulares.

A filosofia é, por natureza, exclusiva: ela funda o modo de pensar de uma época. Por isso, o sistema não tolera – tal como os filhos de sultões – nenhum outro ao seu lado. Daí decorre que ali o juízo é muito difícil, pois já é penosa a obtenção de dados para ele. (SCHOPENHAUER, 2001, p.30)

O papel renovador e revolucionário da filosofia deve transcender às ações ou perguntas técnicas, ela tem como objetivo perguntar sobre o que é bom para o desenvolvimento da vida. “Na filosofia a palavra de ordem é a reflexão sobre a verdade das doutrinas ensinadas.” (SUZUKI, 2001, p.34)

Sendo assim, é indispensável a presença da filosofia no universo acadêmico, sua postura demonstra a necessidade do saber filosófico e, assim, sua dimensão ética marca profundamente o porquê de responder a um certo sentimento, a uma certa estética da existência característica da nossa época. Vivemos uma paralisia na reflexão filosófica demandada pelo constante crescimento do saber tecnificado. Com isto, encontramos-nos num vazio, vazio que toca em cheio a problemática da reflexão crítica no cenário universitário atual. A partir dessa constatação, é urgente a pergunta sobre o lugar da pesquisa filosófica nesse contexto. Isto faz com que a filosofia apresente sua função, a saber, encontrar um sentido para os acontecimentos, perguntar sobre os acontecimentos.

Ela se situa, portanto, no nível da possibilitação da própria facticidade, ela ousa levantar a questão sobre o que, em última análise, está em jogo em nosso acontecer no mundo. Filosofia não é pesquisa de fatos, mas o esforço de apresentação de sentido: nesse aspecto ela é suprassunção (*aufhebung*) da facticidade histórica que constitui a vida humana. (OLIVEIRA, 1993, p.69)

Seguindo a linha de Emmanuel Lévinas, filósofo a que faremos uma breve alusão a fim de abordarmos o engajamento ético da filosofia, não há uma cisão precisa entre ética e filosofia, ambas possuem um caráter de promoção e ao mesmo tempo são livres quanto à produção do saber. A filosofia desempenha um papel ético que transcende a facticidade, ela está à procura dos fundamentos da facticidade, além disso, ela só é possível numa ambiência livre. “Filosofar é remontar aquém da liberdade, descobrir a investidura que liberta a liberdade do arbitrário. O saber como crítica, como subida aquém da liberdade.” (LÉVINAS, 1988, p. 71)

Com base nas palavras supracitadas, o caráter ontológico da filosofia situa-se na esfera do “perguntar-se sobre suas possibilidades” e daí decorre o compromisso ético para com o homem. Tais possibilidades seriam assim, um perguntar sobre o acontecimento presente. Em que sentido tudo isso se justifica? Qual o estatuto da cena contemporânea? O papel da filosofia não é, simples e erroneamente, de um saber ou uma ciência que não mais ocupa um lugar na universidade, pelo contrário, é na filosofia que encontraremos uma justificativa para nossa ontologia e por fim para nossa ética. Uma crítica do saber; eis uma tarefa que configura todo filosofar que tem por sua vez um horizonte ético e fomentador do desenvolvimento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões abordadas sobre o papel da filosofia e seu lugar no contexto atual, fica evidente que pensar uma perspectiva para melhor constituir a produção acadêmica sem passar pelo pensar filosófico seria uma ingenuidade intelectual.

A proposta schopenhauriana que reivindica uma liberdade para a filosofia, também nos mostra um horizonte onde, somente um saber livre pode apontar novas possibilidades de constituição acadêmica. Para a filosofia é imprescindível a liberdade, não que ela não deva estar na universidade, mas que seu lugar e sua autonomia sejam reconhecidos. Nessa proposta, interesses particulares, como dissemos anteriormente, não devem nortear a pesquisa filosófica, nem mesmo o caráter utilitarista e técnico deve sobrepor-se à filosofia.

Caso queiramos uma universidade diferente, não será moldando-a ao mercado que a conseguiremos, pois seu caráter diverso e livre deve possibilitar uma não-atitude subserviente ao interesse do capital. O caráter livre da universidade deve ser fomentado através das pesquisas e, de modo singular, a pesquisa filosófica. Ela detém um modo dialógico, livre e profundo, além disso, sua incompletude, sua capacidade de perguntar sobre nosso estatuto é uma forma de se perguntar, de buscar uma justificativa para apontar saídas e formas criativas de não sucumbir ao mercado ávido por consumo.

Criar poderíamos afirmar que é, também, a palavra de ordem para a filosofia. O compromisso de criar valores, conceitos e alternativas é uma tarefa da qual a produção filosófica poderá se imiscuir. Seguindo Schopenhauer, a criação filosófica é como a arte que apreende a verdade ocultada na mera aparência. Só a liberdade possibilita a criação e, nesse sentido, uma filosofia que seja serva, ou uma filosofia dogmática, não será capaz de criar o diferente, apenas repetirá, melancólica e lamentavelmente, o que pensa saber sobre o mundo.

A criatividade como possibilidade do diferente configura-se como uma melhor alternativa para a universidade e seu compromisso social. A atitude da universidade não poderá sucumbir diante das exigências mercadológicas. Não se moldando à regra que a universidade terá melhor desempenho, mas é posicionando-se como exceção, uma exceção conservadora de sua essência filosófica que fará dela uma vanguarda do conhecimento. Novamente, a filosofia deve, portanto, propor uma nova ordem ética, não uma ética entendida como código mas, “um *ethos* filosófico próprio da ontologia de nós mesmos como uma prova *histórico-prática* dos limites que podemos ultrapassar, e, portanto, como um ato laborioso de nós mesmos sobre nós mesmos enquanto seres livres”. (MARTINS, 2000, p.160) Eis a responsabilidade e o compromisso da filosofia no cenário atual.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, W. T; HORHEIMER M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CACCIOLA, O. M. L. M. “**O Estado e o Ensino da Filosofia**”. In: Arthur Schopenhauer, Sobre a Filosofia Universitária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHAUÍ, M. **Sociedade, Universidade e Estado: Autonomia, dependência e compromisso social**. In: Seminário Universidade: Por que e como reformar? 8 ,2003, Brasília: MEC/SESU, 2003.

FOUCAULT, M. **O que é o iluminismo, transcrição do curso inédito no Collège de France, 1983**. In: Dossiê Michel Foucault. Carlos Henrique de Escobar (org), Rio de Janeiro: Taurus, 1984, p.103-112

LÉVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MACULAN, F. N. **O Papel da Universidade**. In: Colóquio de Entidades da Educação. 3 ,2003, Brasília: MEC – Grupo Executivo de reforma do Ensino Superior, 2003.

MARTINS, J. C. **Michel Foucault: Filosofia como diagnóstico do presente**. Cadernos da FFC, Marília – SP, v.9, nº1, p. 149-167, jan 2000.

NIETZSCHE, F. “**Considerações Extemporâneas**”. In: Obras Incompletas, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural,1974.

OLIVEIRA, A. M. **Ética e Racionalidade Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SCHOPENHAUER, A. **Sobre a Filosofia Universitária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SUZUKI M. “**Uma Ilustração para Poucos?**” In: Arthur Schopenhauer, Sobre a Filosofia Universitária. São Paulo: Martins Fontes, 2001.